

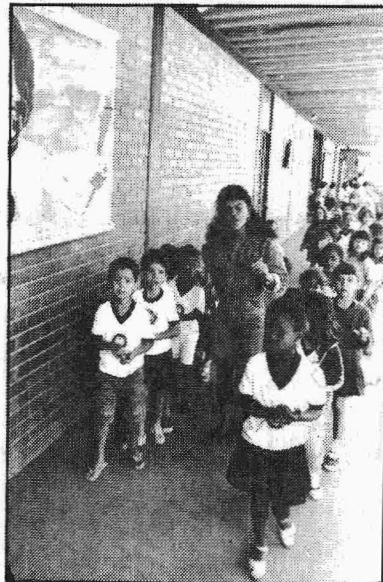
# Sinpro reclama perda de poder aquisitivo

SO  
Luís Cláudio Alves

Os professores da rede pública do DF acumularam nos últimos dois anos uma perda salarial de 937 por cento, segundo os cálculos do Sindicato dos Professores (Sinpro). Márcio Baiocchi, diretor do Sinpro, disse que a situação chegou a um ponto que muitos professores estão preferindo mudar de profissão ou ingressar no mercado informal como comerciantes. "Para se ter uma idéia da gravidade da situação, basta dizer que mesmo com o reajuste parcelado de cem por cento concedido pelo GDF, os salários ainda precisam de um aumento de 418 por cento para recuperar o poder aquisitivo de dois anos atrás", argumenta.

O achatamento salarial dos professores tem provocado uma situação de desânimo e descontentamento entre os profissionais que ainda não conseguiram mudar de atividade. Os baixos salários da categoria já viraram até motivo de piada num programa humorístico da televisão, a "Escolinha do Professor Raimundo". Baiocchi informa que em 1991 os professores passaram por um acelerado processo de perda de poder aquisitivo. "Só em 1991, o INPC variou 475 por cento. Nesse período, os salários dos professores tiveram apenas 70 por cen-

FOTOS: CARLOS MOURA



Piso baixo desestimula professor

to de antecipação".

Por conta desta situação, muitos professores estão trocando salas de aula por butiques, empregos na iniciativa privada e outras atividades. "Para recompor as perdas de 1991, baseado no INPC, precisaríamos de 238 por cento de reajuste. Esta situação levou o piso salarial de um professor a valer apenas 1,4 salário mínimo (R\$ 135 mil)", explica Baiocchi. Em 1987, durante a celebração do acordo coletivo de trabalho, os professores reivindi-

cavam um piso equivalente a 4,5 salários-mínimos. Acabaram aceitando 2,9 salários mínimos como base, mais do que o dobro do que está sendo pago atualmente.

A evasão dos "mestres" é justificada também, segundo o Sinpro, pela comparação entre os salários dos professores com os de nível médio de outros setores. De acordo com Márcio Baiocchi, os salários pagos aos funcionários de nível médio da Fundação Hospitalar e da Secretaria de Segurança são maiores do que os recebidos pelos professores de nível superior da FEDF. "Chegamos a um ponto em que ser professor não compensa. Apesar de Brasília ter um dos melhores salários de educação do País, qualquer outro setor está pagando melhor".

A situação só não é pior porque grande parte dos professores da FEDF é composta por recém-formados e jovens que estão tendo a primeira experiência profissional. "Nós estamos vendo a classe média correndo para as escolas públicas, ao mesmo tempo em que os professores estão deixando as escolas por causa de baixos salários. O resultado é a queda da qualidade do ensino em função da evasão dos professores mais experientes e da insatisfação dos que continuam no sistema educacional" argumenta Baiocchi.